

# A FORMAÇÃO DE ANGOLA INDEPENDENTE, O “BRASIL COMO PARÂMETRO”?

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS\*

## **Apresentação**

O presente texto é parte das reflexões já adquiridas a partir do projeto de pesquisa “Brasil – Angola: *Os encontros e desencontros dentro do Processo diaspórico – 1975 a 2002*”, que desenvolvemos para a obtenção do doutoramento no Programa de Pós Graduação em História Social da PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É, portanto, importante relembramos que o projeto tem o intuito de apontar elementos que facilitem o entendimento das semelhanças e diferenças que constroem essas duas nações, aprofundando o estudo sobre os aspectos aqui relatados, problematizando-os e historizando-os, a fim de contribuir para o debate e compreensão da história desses dois países, mostrando a relação “uterina” que forma a identidade cultural, política, social e econômica, existente entre Brasil e Angola.

No segundo momento, enfocamos de forma mais direta as relações Brasil – Angola no período anterior a libertação angolana, durante o processo de independência e no período pós-libertação, trazendo as influências políticas, econômicas e culturais. Na terceira parte, tratamos especificamente da troca de elementos culturais entre os dois países, exemplificando, principalmente, a experiência de Martinho da Vila e Leci Brandão entre outros. Informamos que a discussão que se refere a Martinho da Vila se pauta em obras escritas pelo

próprio autor e documentários, já a referência a Leci Brandão decorre de entrevista realizada com a mesma no primeiro semestre de 2011. Além disso, apontamos um pouco da influência de intelectuais brasileiros no período de pós-independência, a partir de relatos da vivência da Profa. Dra. Rita Chaves e da Prof. Dra. Tania Macedo, ambas docentes da USP – Universidade de São Paulo, também obtidas em entrevistas realizadas no primeiro semestre deste ano.

### **Angola e Brasil: Intercâmbios culturais e políticos**

Politicamente vemos que o fato do Brasil ter sido o primeiro país ocidental a reconhecer a independência de Angola, em 11 de novembro de 1975, estreita as relações entre os dois países. Além disso, a presença de indústrias brasileiras no processo de (re)construção de Angola, se mostra como relações econômicas, as quais avaliaremos mais profundamente no decorrer do processo da pesquisa. E, agora, discutiremos um pouco do intercambio cultural entre os países, pois se um dia Angola (e outros países africanos) influenciaram culturalmente o Brasil, os artistas brasileiros vão para Angola, levam novas influencias e retomam influencias históricas.

A respeito da música registra-se a contribuição do músico Martinho da Vila, que desde o período do processo de independência, durante a Guerra Civil Angolana e até os dias atuais está presente. Martinho da Vila na revista “Brasil e Angola” (2010) discorreu a respeito da experiência cultural em Angola, dos anos de 1970 passando pelos anos de 1980, em que desenvolveu um projeto denominado Kalunga. O projeto envolvia vários artistas brasileiros, tais como Clara Nunes, Dorival Caymmi, entre outros, que iam se apresentar em Angola. Em 1983, por intermédio do projeto Canto Livre de Angola trouxe artistas desse país para o Brasil.

O cenário musical, que teve início nos anos de 1970 e que avançou na década de 1980, possibilitou também o desenvolvimento do projeto Kizomba,<sup>1</sup> que tinha o objetivo de discutir questões relacionadas ao Brasil, à cultura e, especialmente, as problemáticas dos negros, à cultura e, especialmente, as problemáticas dos negros e, em contrapartida, trazendo ao Brasil um

conhecimento mais apurado da questão africana. Esse projeto encampado também por Martinho da Vila, levou personalidades negras como Benedita da Silva, Milton Gonçalves, Antônio Pitanga, para discutirem a temática ligada ao negro e os africanos e trazerem aos brasileiros informações mais acuradas da cultura africana de modo geral e em específico da cultura angolana. Por conta destas iniciativas, Martinho da Vila durante muito tempo ficou conhecido como o “Embaixador Cultural de Angola”, fama que carrega até hoje por conta do estreito relacionamento com a África, em específico com Angola.

A relação estreita do artista Martinho da Vila com Angola, além da música pode ser percebida em outras habilidades do artista que não são conhecidas do grande público, a exemplo da literatura. Vila têm diversos livros publicados. Entre eles destaca-se *Kizomba, andanças e festanças* (1998), que é o livro de memória em que o autor narra suas histórias, em solo angolano e a ligação de Angola com o Brasil.

A África do imaginário da maioria das pessoas foi ao encontro de Martinho da Vila, mulheres com seios nus e levando água na cabeça com o colo enfeitado com miçangas, homens com lança nas mãos e crianças curiosas vendo um estranho e pelas palavras do autor de “estranhamentos de ambos”. O primeiro espetáculo que fez em solo africano foi um sucesso, como o próprio Martinho narra,

O N'gola Cine é imenso e tinha gente que nem formiga. Um grupo de músicos da terra se apresentou antes de mim. Acho que eram “Os Queijos”. Pedi aos responsáveis por minha segurança para me deixarem um pouco à vontade e andei no meio do povo, sem nenhum problema. No intervalo dispensei a mordomia do camarim e fui disputar uma cerveja, usando os escudos que já tinha no bolso. Era disputa mesmo, pois só havia um ponto-de-venda, mas eu cheguei lá. Peguei a Noval, a Brahma deles, senti que estava superquente: Reclamei em português de Portugal:

- Opa! Esta cerveja está quente, pá!

O portuga gesticulando:

- Que é tu queres, pá? Não sabes que aqui não temos geladeira? Não estás a ver que todos estão a consumir assim mesmo? Ainda há pouco tempo não bebias cerveja nenhuma e agora e agora queres gelada! Não me aborreça, pá!(...)<sup>2</sup>

O autor ao relatar a sua ida a região do público para tomar uma cerveja evidencia a falta de infraestrutura do país. Pois ao pedir a cerveja e ver que ela estava quente e ao atendente, que era, segundo Martinho da Vila, um português. Fica claro duas situações, a primeira se mostra na precária situação do país que não conseguia servir uma “cerveja gelada”, produto supérfluo. A segunda evidencia a presença portuguesa na comercialização das bebidas vendida no local. Martinho da Vila revela que foi fazer o show, mas sua imagem não era conhecida o que ficou denunciado ao descer do palco e não ser interpelado pela plateia.

Após o susto inicial, a plateia cantou junto às músicas e aplaudiu muito. Logo depois Martinho da Vila fez um discurso, em que demonstra seu desconhecimento político de Angola.

Eu não sabia nada do que estava acontecendo politicamente naquele país. Por coincidência era dia sete de setembro; o meu lado sargento resolveu aflorar e eu falei com naturalidade, na cadencia do samba, quase no final do espetáculo.

- Eu sou brasileiro e estou realizando o meu grande sonho, que é pisar este solo africano. Me emocionei muito de estar aqui em Angola, talvez a terra dos meus bisavós. Lá no Brasil hoje se comemora o sesquicentenário da nossa independência. Espero, quando aqui voltar, encontrar um país também livre.<sup>3</sup>

O discurso nesse momento em Angola, um país que desde século XVI vivia sobre o jugo português, em que as pessoas não podiam expressar sua vontade e eram considerados cidadãos de segunda classe em sua própria terra. Onde o branco português, muitas vezes com a capacidade menor, tinha as melhores oportunidades. As palavras de Martinho da Vila vieram como a verbalização do grito de liberdade que estava na garganta desde sempre. Registra-se a reação do público:

Deu um branco no povo e eu fiquei muito perdido. Alguém puxou uns tímidos aplausos que foram aumentando, aumentando, até todos aplaudirem corajosa e calorosamente. Me dei conta de que tinha falado algo muito forte e, com um frio na espinha, ataquei de *Tom maior*: “Está em você/ O que amor gerou /Ele vai nascer/ E há de ser sem dor/Ah! eu hei de ver/ Você dormir/ Hei de vê-lo andar, falar, sorrir/ E então

quando ele crescer/ Vai ter que amar a liberdade/ Só vai cantar em tom maior/ Vai ter a felicidade de ver um Brasil melhor”.<sup>4</sup>

Uma população ouvindo uma música que falava de um futuro melhor, de liberdade, por isso, a fala de Martinho da Vila “caiu como uma luva” aos anseios dos angolanos. Um brasileiro negro, que discorre sobre a sua vontade de conhecer a África e que talvez seus ancestrais sejam de lá, ainda por cima vindo de um país do outro lado do Atlântico que fala português e que havia conseguido a sua independência um século antes. Pode-se, desta forma, inferir que a identificação foi imediata, pois tudo o que Angola queria era a liberdade que o Brasil havia adquirido. Todavia, o momento mágico do espetáculo que Martinho fazia em Angola não passou despercebido pela repressão portuguesa, como nos conta: “O povo estava eletrizado e para sair foi uma dificuldade. Depois eu soube que os que se excederam na vibração foram presos pela PIDE, a terrível organização policial portuguesa. Os que se aproximaram mais de mim também foram em *cana(...)*”.<sup>5</sup>

A ação truculenta da PIDE deixa evidente o receio que Portugal tinha de perder suas colônias ultramarinas, ou como era chamada a época Províncias Ultramarinas. Pois ao ver a empolgação do público com o discurso de Martinho da Vila, comemoração foi reprimida com prisões. Registra-se que os lugares que o artista apresentou-se era para públicos distintos, como fica evidente:

Depois de N'gola fui cantar para elite portuguesa no Cinema Avis, hoje Karl Marx, e a porta do cinema estava preta de negros para me verem entrar, alguns, àquela altura já meus conhecidos. Perguntei ao empresário português, meu contratante, se poderia botar alguns amigos para dentro e ele me disse:

- Convite cá já não temos mais e lugares sentados também não há, mas se eles quiserem ficar de pé, não há problema. Vá lá na portaria e indica quem são seus amigos.

Eu nem me preocupei com os conhecidos. Falei da portaria para os que estavam as visita:

- Entra, pessoal!

Foi uma confusão. A negrada invadiu o recinto dos brancos e eu fiz uma apresentação para a plateia miscigenada, desta vez, sem falatório, conforme recomendação.<sup>6</sup>

O relato demonstra a maneira diferente de tratamento dados aos negros, que são fatos conhecidos, mas o interessante é mostrar como esse tratamento era feito no dia a dia. Embora, o discurso feito no outro show, no Cine N' gola não tenha sido repetido, mesmo porque o público que pagou para ver a sua apresentação era formado pelos colonizadores, as manifestações pro-independência não seriam bem vinda novamente pela parte da plateia colonizadora. Vemos, portanto, que de forma indireta houve influência no processo pró-libertação de Angola, questão muito importante para o período.

O livro de Martinho da Vila têm outras peculiaridades importantes sobre aspectos culturais e culinários de Angola, após sua apresentação alguns populares convidaram para ir a uma festa em um *Musseque*, uma espécie de favela, onde mora a população mais carente. A segurança desaconselhou, mas mesmo assim ele acabou participando de uma festa:

Não tinha sono. Estava ainda meio em transe. Desci para recepção e os portugueses já tinham ido embora, mas os angolanos ainda estavam lá no bar e fui com eles para a tal festa numa espécie de tendinha chamada *Kudissanga Kwa Macamba*, que quer dizer encontro de amigo. Lá eu me senti em casa. Comi *mufête de carapau*, um delicioso peixe frito com tudo dentro, só escamado sem ser aberto. Bebi *caporoto*, uma espécie de cachaça. Papei com aquela gente, enturmado como se estivesse num pagode no morro dos Macacos, em Vila Isabel, na Serrinha, na Boca do Mato, no Salgueiro ou em outro gueto meu qualquer, numa boa.<sup>7</sup>

Aqui novamente percebe-se na rememoração do autor, uma busca de um elo entre Brasil e Angola, ao mencionar sobre a comida e a bebida, em que liga aos morros cariocas na maneira de socialização da festa do povo na sua alegria, mesmo vivendo em guerra. Contudo, a conjuntura vivida em Angola era mais complexa que simplesmente as comparações que Martinho da Vila narra.

Já a cantora e atualmente deputada estadual por São Paulo Leci Brandão, que também vivenciou algumas experiências em Angola, ao contrario do Martinho da Vila, apresentou na entrevista que realizamos, um olhar mais crítico em relação a Angola e as relações que o país está submetido e em seu depoimento relatou e problematizou a influencia das empresas brasileiras nomeadamente, a Odebrecht e a Camargo Correa, em Angola. É interessante perceber o quanto o estreitamento entre Brasil e Angola teve o patrocínio de

empresas brasileiras que estavam lá por razões econômicas, mesmo assim, vale a pena referirmos que para além do patrocínio, a identidade dos angolanos para com Leci Brandão e Martinho da Vila, se mostra a partir da qualidade musical e a cor da pela de ambos, ou seja, ouvir e ver cantores negros naquele momento fazia toda a diferença.

Registra-se que a cantora tem um impacto negativo das condições sociais da população angolana, que era assolada pela guerra civil e vivia em condições de grande miséria. No entanto ao relatar as condições atuais, discorre que a situação não se alterou e coloca outro agravante: as diferenças sociais, onde se tem pessoas muito ricas, inclusive executivos brasileiros e altos membros do governo angolano e pessoas em situação de miséria absoluta. Com a falta de estrutura do país, Leci Brandão atenta para o consumo da elite angolana, no Brasil, tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro, comprando todo tipo de produtos, citando até que angolanos chegam a comprar fogão aqui no Brasil. Em seu relato aborda outro problema, o qual comprova a vulnerabilidade social e econômica do país, que é a questão da prisão de angolanos em aeroportos brasileiros por tráfico de drogas internacional. Vale ponderarmos que o contato de Leci Brandão com Angola não foi tão intenso como o do cantor Martinho da Vila, mas é interessante ver como os dois artistas, vindo do mesmo convívio social tem opiniões e visões distintas.

Além da arte, o Brasil tem vínculos acadêmicos com Angola o que pode se vislumbrando com as professoras, Dra. Rita Chaves e a Dra. Tania de Macedo que relataram como iniciaram o envolvimento com África, em especial com Angola e quais são suas visões a respeito de África e dos escritores angolanos e moçambicanos. A professora Dra. Rita Chaves, que leciona Literatura Africana na USP discorre como iniciou seu interesse por África, sendo importante registrar que no período que a professora inicia seus estudos não havia um incentivo por parte do Estado brasileiro, como temos hoje materializado na lei 10639/2003 e infelizmente, assim como hoje, o conhecimento sobre o continente africano era fragmentado e refratário.

A impressão que a Prof<sup>a</sup>. Rita Chaves teve no primeiro contato com Angola foi a quebra do imaginário que havia construído, pois o seu engajamento que perpassava pesquisa sobre Angola, e se mostrava no

posicionamento político e no intuito de reconstrução de um país recém independente, acreditava em uma Luanda moderna, mas a chegada no aeroporto já revelava o impacto ao desembarcar e ver os soldados armados na pista, a falta de estrutura do aeroporto, onde não havia nem carrinho para por as malas, o próprio espanto ao ver um senhora gritando e chorando de maneira escandalosa. Esse relato contrapõe Angola imaginada diante da real. Fala de um país assolado pela guerra civil, que durou de 1975 até 2002, registrando a forte presença de soldados na pista de pouso, os 15 a 20 km de estrada em que presença um Musseque, espécie de favela, sem estrutura alguma.

A Angola real foi mais chocante do que a imaginada pelos amigos da Profa. Chaves, pois diziam que África era só floresta e animais selvagens, mas, ao contrário disso, o que viu foi sim pessoas pobres vilipendiadas pela guerra e, ao mesmo tempo, um oásis que era a vila do *Gameque*, onde viviam os estrangeiros, inclusive brasileiros oriundos das empresas que estavam lá na reconstrução do país e na sua exploração tendo em vista que a população de Angola não sempre incorporadas a essas empresas, com alegação de não terem a qualificação.

Essa primeira impressão de Angola foi sendo diluída com passar dos dias da convivência com os angolanos, principalmente com os escritores que haviam possibilitado a viagem para Angola, como Profa. Chaves nos relatou,

(...) começamos a pegar carona para ir para Luanda era algo muito sintomático pegamos o primeiro carro que saía da vila do *Gameque* e chegávamos na União antes do Luandino e acabávamos pegando o ultimo carro, então Luanda logo teve uma atração logo nessa primeira tarde e Luandino e Costa Andrade nos levaram nessa primeira tarde para passeamos para conhecer Luanda, os escritores. Bom ai foi uma paixão porque ter como cicerone um apaixonado por Luanda que era Luandino e tivemos oportunidade de falar com todos os escritores(...)

Na mesma linha da Dra. Rita Chaves, foram as percepções da Dra. Tania de Macedo,<sup>8</sup> que é professora do mesmo departamento, a qual também discorre acerca das suas impressões sobre relacionamento entre Brasil e Angola, o seu relato também é extenso, mas necessário,

A questão em Angola e que encontramos mais a presença portuguesa que aqui, eu sinto uma questão mais com a gestualidade, a questão linguística também é importante, os desvios de linguagens que fazemos tem haver coma Língua bantu sem dúvida alguma, então o português falado lá, apesar de mais lusitano no sotaque e muito mais próximos de nos do que o português falado em Portugal, esse é um dos elementos, claro que a presença dos meios de comunicação, sobretudo das novelas pesam muito nessa transformação da linguagem e isso sem duvida alguma, a música continuou sendo. A Ângela Maria foi realmente escutada pelos angolanos, eu sempre digo que nós brasileiros não ouvimos Ângela Maria como os angolanos, a partir do momento, por exemplo, a música *Babalu*, que nós ouvimos mais como a Ângela Maria fazia com a voz e nunca prestamos atenção na letra e nem na música. Eu estou falando como classe popular, ouvia minha mãe cantando *Babalu* e nunca pensei o que era, quando eu fui ouvir Bola de Nieve a partir de Angola, o cubano Bola de Nieve e ver o Perpetela [...] que entendi como eles ouviam a Ângela Maria, como uma negra. Então a música popular a primeiro momento, os teatros de revista foram pra lá há uma série de relações, mas no caso da música brasileira continua muito presente você escuta constantemente eu vivi lá um ano, em 1993 e ouvia cotidianamente os lançamentos da música brasileira, aquelas que são tocadas no rádio. Infelizmente também uma música mais popular no sentido... axé music, as duplas caipiras (sertenejo), que eu não lembro o nome... [Leandro e Leonardo] – Esses daí! Eu me lembro que foi prensado em Angola a dupla Zezé di Camargo e Luciano, os discos foram feitos em Angola tamanha a demanda do público. A Roberta Miranda é predileta do presidente da República José Eduardo Santos, ela tem acesso direto ao palácio do Presidente [...] A música brasileira é muito presente ainda hoje em Angola, a gente pode falar das novelas que já no período, pós independência, as novelas foram compradas da Globo pela RTP, assim como as novelas foram compradas uma serie de desenhos animados etc, em razão da língua. E para ter uma ideia da importância das novelas, as reuniões do bureau eram sempre marcadas após as transmissões das novelas, então todo mundo assistia as novelas, era geral porque passava na TV aberta. E disso, inclusive, que vão criar os nomes das praças, os mercados; Beato Salu, Roque Santeiro, Os Trapalhões, que são mercados populares que recebem os nomes em função dos programas de televisão e das novelas. Então a presença era avassaladora, nesse período menos a literatura, a literatura vai decrescer. Há uma presença da literatura brasileira na década de 1940, 50 até 1960 mais ou menos depois disso decresce.

Quando pensamos na diáspora africana e o que realmente temos de africano, a Profa. Macedo expõe um quadro das semelhanças e diferenças entre Brasil e Angola. Ao começar com a influencia portuguesa presente entre os

angolanos, podemos inferir que justamente pela descolonização tardia, mas mesmo tendo um sotaque lusitano, a professora registra que a maneira linguística de expressar se assemelha ao brasileiro por conta da forte presença das novelas brasileiras, desde independência. As novelas tem uma importância tão grande ao ponto das reuniões serem marcadas para horários condizentes com horário após o término dos capítulos diários, os nomes dos principais mercados da cidade de Luanda, das praças entre outros lugares é um registro de influência.

Como mencionado anteriormente sobre o projeto socialista que fracassou, o Brasil torna-se presente por uma cultura popular, que não é pior ou melhor, mas que pouco agrega no sentido de um despertar crítico, numa formação cidadã que faz com que a população reivindique dos governantes melhorias. Neste aspecto podemos apontar o que Walter Benjamin e Horkheimer chamam de indústria cultural, pois faz parte de um produto consumido pelas “massas” sem possibilitar reflexões maiores. Nesse sentido não é só a sociedade angolana que sofre esse processo, pois as músicas provenientes desta cultura de “massa” são brasileiras e fazem sucesso no país, colocando Brasil e Angola no mesmo contexto.

Ao falar da cantora Ângela Maria, que nos 80 fazia muito sucesso tanto no Brasil como em Angola, a professora mostra como o interprete da música acaba sendo resignificado, pois quando o escritor Perpetela escuta Ângela Maria e a iguala a Ignacio Jacinto Villa Fernández, conhecido como Bola de Nieve, cantor negro cubano, coloca Ângela Maria no mesmo patamar. Tania Macedo coloca que para os angolanos havia outro sentido, o som tinha um significado que se diferencia do significado dado pelos brasileiros, somente a vivência em Angola para explicar essa significação, o que fez o escritor Perpetela comparar Ângela Maria com Bola de Nieve.

Entre vários artistas que a Profa. Tania Macedo menciona é interessante a figura, nos dias de hoje, da cantora Roberta Miranda que aqui no Brasil está distante da grande mídia a um bom tempo e em Angola é a cantora preferida do Presidente da República. A cantora Roberta Miranda, assim como outros mencionados não têm ligação, pelo menos direta, com a cultura negra brasileira, pois cantam outros estilos de música, mas ligados ao meio sertanejo, mais

próximo ao country americano do que o caipira do interior do Brasil. São questões para analisar ao longo da pesquisa.

## Considerações Finais

Portanto, são questões apontadas que ao longo do texto vários depoentes e autores discorrem sobre a impressão que tiveram de Angola. Os argumentos apresentados reforçam a necessidade de pesquisar melhor essa relação para uma visão mais nítida entre os dois países. O processo diaspórico sofrido em África, no nosso caso Angola, em dois momentos no período colonial e mais recentemente com a guerra civil e a pobreza faz com que reflitamos como o Brasil está inserido, pois se hoje em Angola a música, as novelas, o futebol, porque não dizer “*brasilian way of life*”, influenciam o modo de viver angolano.

## NOTAS

---

\* Doutorando em História Social PUC-SP. Bolsista - CAPES II. Título: Brasil – Angola: Os encontros e desencontros dentro do processo diaspórico. 1975-2002. Orientador: Antônio Rago Filho. e-mail: jose.francisco.puc@gmail.com.

<sup>1</sup> A palavra significa encontro, festa de confraternização. Ver: VILA, Marinho. *Kizomba, andança e festança*. 2º ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.290

<sup>2</sup> Ver: VILA, Marinho. *Kizomba, andança e festança*. 2º ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.28.

<sup>3</sup> *Idem*, p.31.

<sup>4</sup> *Idem*

<sup>5</sup> *Idem*, p.32.

<sup>6</sup> *Idem*.

<sup>7</sup> *Idem*, p.33.

<sup>8</sup> Entrevista concedida ao autor no dia 27/04/2011. No Centro de Estudos de Língua Português – USP

Data de envio: 09/05/2012

Data do aceite: 26/05/2012